

# O CAMPO DE EXPERIÊNCIAS NA FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE OTTO BAUER (1881-1937)

Carlos Henrique Armani\*  
Simone Maciel Margis\*\*

## RESUMO

Pretendemos desenvolver uma discussão sobre a filosofia da história de Bauer e como ela se estrutura em sua narrativa da nação. O texto está dividido em duas partes: na primeira, apresentamos um breve contexto do Império Austro-Húngaro; na segunda, apresentaremos a filosofia da história de Bauer, especialmente sua estrutura fundamental, alguns dos paradigmas que a sustentaram e como a teoria da nação foi pensada nesta filosofia que pretendeu integrar, como típico das filosofias especulativas da história, o passado, o presente e o futuro.

**Palavras-chave:** Otto Bauer; nacionalismo; Austromarxismo; filosofia da história.

## ABSTRACT

We intend to present a discussion about Bauer's philosophy of history and how it is structured in his account of the nation. The text is divided into two parts: in the first one, we present a brief context of the Austro-Hungarian Empire; in the second one, we will present Bauer's philosophy of history, especially its fundamental structure, some of the paradigms that grounded it and how the theory of the nation was thought in this philosophy that intended to integrate, as typical of the speculative philosophies of history, the past, the present and the future.

**Keywords:** Otto Bauer; Nationalism; Austro-marxism; Philosophy of history.

## Introdução

Quando falamos no Império Austro-Húngaro, especialmente em seus momentos derradeiros antes da Primeira Guerra Mundial, frequentemente utilizamos a expressão “a crise do império”. Ao

---

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em História da UFSM. E-mail: [carlos.armani@gmail.com](mailto:carlos.armani@gmail.com)

\*\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSM. Professora de História da Prefeitura Municipal de Glorinha/RS. E-mail: [sysamargis@gmail.com](mailto:sysamargis@gmail.com)

investigarmos o pensamento de Otto Bauer, bem como de outros autores que pensaram com ele o império e a questão nacional no mesmo contexto, as aporias que Bauer enfrentou de um ponto de vista fático e representacional acerca das diferentes nações - o problema de saber o que era e o que não era uma nação, a diferença entre “nações com história” e “nações sem história”, o futuro como possibilidade de autodeterminação das nações dentro do império, que se faria, neste caso, uma federação de nações ou uma meta-nação que abrangeria as demais nações -, percebemos que poderíamos pensar tanto em um império da crise quanto em uma crise do império. A crise, neste caso, seria uma variável fundamental do pensamento de Bauer e da socialdemocracia austríaca. O pensar sobre a crise do império era, ele mesmo, um pensar em crise. Nas palavras de Koselleck:

Pertence à natureza da crise que uma decisão esteja pendente, mas ainda não tenha sido tomada. Também reside em sua natureza que a decisão a ser tomada permaneça em aberto. Portanto, a insegurança geral de uma situação crítica é atravessada pela certeza de que, sem que se saiba ao certo quanto ou como, o fim do estado crítico se aproxima. A solução possível permanece incerta, mas o próprio fim, a transformação das circunstâncias vigentes - ameaçadora, temida ou desejada -, é certo. A crise invoca a pergunta ao futuro histórico (KOSELLECK, 1999, p. 111).

O pensamento de fins do século XIX e princípios do século XX foi marcado por esse devir da crise, um pensamento que, na sua tensão entre passado e futuro, apresentava-se em um presente aberto à decisão e às circunstâncias, as quais se colocavam em algumas ocasiões, como simultaneamente ameaçadoras, temidas e desejadas. Não foram poucos os autores que perceberam a mobilidade dos conceitos usados para tentar fixar a realidade que eles representavam, pois o próprio conceito de crise e o mundo expresso por ele indicavam a abertura do futuro e até mesmo ambivalências nas reflexões sobre o passado. Parafraseando Koselleck, a crise invocava a pergunta ao passado e ao futuro históricos.

Bauer tentou fixar sua teoria da nação em uma base sólida e cientificamente demonstrável. Não se tratava de um algoritmo da nação, mas o autor acreditava que sua teoria da nação poderia indicar alguns caminhos para o futuro. Mesmo depois de ver o Império Austro-Húngaro esfacelar-se, ele não deixou de apostar em sua teoria da nação e no livro que havia escrito em 1907: “A história deixou para trás o programa político para a solução do problema das nacionalidades

austro-húngaras pelo que lutei em 1907”. “Porém”, continuou o autor, “minha exposição histórica do surgimento e desenvolvimento do problema não foi retificada, senão ratificada pelos acontecimentos e investigações posteriores” (BAUER [1924], 1979, p. 6).

O artigo que apresentamos é uma discussão sobre a filosofia da história de Bauer e como ela se estrutura em sua narrativa da nação a partir de sua obra mais conhecida, *A Questão da Nacionalidade e a Social Democracia* (1907). Ele está organizado em duas partes. Na primeira, será realizada uma espécie de contexto do Império. Usamos o conceito de *espécie* não somente para fazer referência a um conterrâneo de Bauer – Robert Musil, que, em seu *O homem sem qualidades* (1943), apresentou uma “espécie de introdução” – talvez como um modo precário de demonstrar as dificuldades de um ritual que marca um começo, como também um modo de pensar o problema que o contexto traz para a história intelectual. Na segunda parte do artigo, apresentaremos a filosofia da história de Bauer, especialmente sua estrutura fundamental, alguns dos paradigmas que a sustentaram e, como a nação, ou a teoria da nação, inseria-se nesta filosofia que pretendeu integrar, como típico das filosofias especulativas da história, o passado, o presente e o futuro. Trabalharemos, nessa tríade temporal, somente a tensão entre o passado e o presente, razão pela qual utilizamos o conceito de campo de experiências de Koselleck para indicar a cumulatividade de experiências que constituiria a nação moderna.

### **Uma espécie de contexto do Império Áustro-húngaro e a Viena finissecular**

O contexto ocupa um lugar central na história intelectual, ainda que nem sempre ele seja problematizado. Mais do que algo que explica, ele deve ser explicado (LACAPRA, 1983). Muitas vezes, o contexto é tomado como um lugar positivo de fala, o salvo-conduto de toda a objetividade do trabalho do historiador, o lugar da positividade do real e garantidor do que se denomina o “fundo histórico” (a Realidade) das ideias (ARMANI, 2015). Almejamos avançar na discussão a respeito dos contextos possíveis que formam as condições de inteligibilidade dos textos de Otto Bauer, de modo que possamos encontrar em sua obra tanto os enunciados descritivos que marcam seu conteúdo informativo, como também enunciados performativos que modelam sua filosofia da história e o emaranhado conceitual que a sustenta.

Assim, nos atentaremos em compreender este espaço de

experiência em que Bauer sofria e, ao mesmo tempo, infligia ressignificações de sentido, a saber, um período que se mostrou bastante problemático para tal prática. De certa maneira, seria um abuso esperar que os intelectuais que vivenciaram o desenrolar do século XIX até seu *fin-de-siècle* tivessem plena consciência da tendência contemporânea à fragmentação do pensamento. De acordo com Baumer, surgia um novo mundo do pensamento que desafiava suas premissas mais básicas, denominado por ele, na falta de um termo unificador mais significativo, de “Fin-de-siècle” (BAUMER, 1990, p. 131-132). Segundo Schorske (1989), ao relatar sua dificuldade em utilizar conceitos sintetizadores para as ideias em circulação no século XIX – uma “centrífuga implacável da transformação” – novas perspectivas foram tomando forma como respostas àquele século do devir em que se “ingressou num turbilhão de infinitas inovações”, para usarmos as palavras de Schorske (1989, p. 15). De acordo com o autor, cada área declarava sua independência do todo; cada parte, por sua vez, se dividia em outras partes, “a própria multiplicidade de categorias analíticas com que os movimentos modernos se definiam tinha se convertido, para empregar a expressão de Arnold Schoenberg (1874-1951), em ‘uma dança fúnebre dos princípios’” (SCHORSKE, 1989, p. 15).

Para Baumer (1990), esta tentativa de constituição de sentido a partir da formulação de categorias analíticas generalizantes foi posta à prova quando, contrariando o que dizia o Conde de Saint-Simon (1760-1825)<sup>1</sup> a respeito de seu otimismo acerca da organicidade do século XIX com relação a outros tempos, o século do devir mostrou-se o mais crítico da história europeia: “Esta crescente fragmentação do conhecimento representava a *reductio ad absurdum* da modernidade que começara a procurar leis invariáveis, mas acabara por cavar a sua própria sepultura” (BAUMER, 1990, p. 15).

Ao voltarmos nossos olhos para o Império Austro-Húngaro, mais precisamente Viena, vemos que este contexto de devir sobre o ser também implicou o repensar das configurações sociais, políticas, religiosas e do espírito humano enquanto manifestação da cultura vienense. Assim como pontuou Martins (2009) ao trazer as considerações de Schorske a respeito do afloramento substancial da vida cultural da Viena finissecular, nota-se um pensar em crise que

---

<sup>1</sup> Uma dialética que relacionava a filosofia do século XVIII como “crítica e revolucionária” frente a do século XIX, idealizada por ele como “inventiva e construtiva” (BAUMER, 1990, p. 13).

pouco tem a ver com a ideia premonitória da queda do Império no século seguinte, mas que endossa a necessidade de se pensar em novas respostas para as imposições daquele espaço de experiência, de novas assimilações de mundo.

Interessante notar que esta necessidade de renovação pontuada por Schorske também atingiu o campo político da capital do Império. Relacionando antíteses como antigo e novo, em que “novo” se constituía como uma reformulação com traços modernos frente ao antigo, tachado como antiquado e o grande causador da estagnação econômica quando comparado às economias imperiais vizinhas, a aristocracia vienense ao longo do século XIX viu-se em meio a um ataque de cunho liberal que culminou em uma partilha do poder com estes. Segundo Shorske (1989):

Os princípios e programas que constituíam o credo liberal se destinavam a substituir sistematicamente os dos “feudais”, como eram pejorativamente designados os aristocratas. A monarquia constitucional substituiria o absolutismo aristocrático; o centralismo parlamentar substituiria o federalismo aristocrático. A ciência substituiria a religião. Os alemães serviriam de tutores e mestres para erguer os povos sujeitados, ao invés de mantê-los como servos ignorantes, tal como tinham feito os feudais. Assim, a própria nacionalidade seria um princípio último de coesão popular num Estado multinacional. ‘Os alemães na Áustria’, como escreveu o líder liberal J. N. Berger em 1861, ‘devem lutar, não pela hegemonia política, mas pela hegemonia cultural ao leste, transmitir a propaganda da inteligência alemã, da ciência alemã, do humanismo alemão’. (SCHORSKE, 1989, p. 125 e 126).

Tendo a nosso favor o trilhar do tempo, sabemos que este projeto não se concluiu completamente. Os liberais tiveram de compartilhar o poder com a aristocracia vienense, de modo que a completa substituição pelo “novo” não foi de todo possível. A classe média vienense não conseguiu de fato tornar-se independente das configurações aristocráticas do império. Além do mais, os liberais austríacos ainda teriam de lidar com outras forças políticas em disputa, quando, ao mesmo tempo em que se reivindicava uma cultura racionalista em detrimento da influência religiosa, os camponeses, sob as ideias antissemíticas difundidas por intelectuais como George Von Schönerer (1842-1921), formavam o movimento social-cristão. Por outro viés, os social democratas também assumiram um lugar na disputa pelo poder e, em 1889, fundaram o

partido. O austromarxismo<sup>2</sup> se desenvolvia, dessa forma, a partir da perspectiva de que o desdobramento do capitalismo imperial seria um fenômeno incapaz de ser entendido a partir do esquema rígido e unilateral tanto da perspectiva liberal quanto do marxismo ortodoxo que não conseguia unir teoria e prática em sua constituição.

No cerne do pensamento marxista, o cenário das mudanças de organização social e política do império, cujos preceitos estavam firmemente ancorados em um sistema agrário e pequeno burguês, acabou por suscitar a criação de uma forma de pensar esta nova realidade econômica e cultural bastante diversificada e multiforme. Cenário este que fez parte da comunidade acadêmica da Universidade de Viena que, segundo Galissot (1984), teve como estímulo a filosofia neokantiana e, como já vimos, a “excepcional floração intelectual da Viena daqueles anos” (GALISSOT, 1984, p. 227).

Otto Bauer publicou, em 1907, um extenso estudo sobre a formulação do caráter nacional a partir da ótica materialista da história, firmado nestas concepções neokantianas. *A Questão da Nacionalidade e a Social Democracia* foi desenvolvida a partir da premissa de que nação e materialismo histórico poderiam constar em um mesmo sistema de pensamento sem ferir os princípios internacionalistas da concepção de classe vinda desde Marx:

O socialismo internacional deve entender as diferenças nacionais dos métodos de luta e da ideologia que se dão em seu seio como resultado de seu crescimento externo e interno e, sobre a base desta multiplicidade nacional que se desenvolve dentro da Internacional, aprender a ensinar as tropas de combate nacionalmente diferenciadas, frente a singularidade nacional dos métodos de sua prática e os raciocínios de sua teoria, a configuração de suas ansiedades com suas metas comuns e a cooperação de suas forças na luta comum. A tarefa da Internacional pode e deve ser, não a nivelção das singularidades nacionais, senão a geração da unidade internacional na multiplicidade nacional. (BAUER, [1924], 1979, p. 21).<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> O termo austromarxismo apareceu pela primeira vez na perspectiva do socialista Louis Boudin, descrevendo o movimento socialdemocrata austríaco e dos jovens teóricos marxistas que nele se envolveram (MEUCCI, p. 2, 2014).

<sup>3</sup> Usamos a tradução espanhola de 1979 e cotejamos com o original alemão das edições de 1907 e de 1924. Eventualmente, optamos por fazer ligeiras alterações na tradução, por pensarmos que alguns conceitos poderiam corresponder melhor ao problema da filosofia da história de Bauer. Apresentaremos as citações no original em alemão, de modo que o leitor possa cotejá-las também. Optamos por inserir no texto as citações originais que são mais extensas. No original: “Der internationale Sozialismus mußvielmehr die nationale Differenzierung der Kampfmethoden und der Ideologie in seinem Schoße als ein Resultat seines äußeren undinneren Wachstums

## A filosofia da história e a constituição do campo de experiências em Otto Bauer

Ao discutir o capítulo de *A questão das nacionalidades* em que trata do conceito de nação, Bauer apresenta uma recapitulação de sua teoria da nação. A citação é longa, mas vale ser apresentada pelo caráter sintético que ela traduz:

Assim, nossa busca da essência da nação nos desvela um grandioso quadro histórico. No começo – na era do comunismo clânico e da lavoura nômade –, a nação unitária como comunidade de ascendência. Logo, a partir da transição para a lavoura sedentária e do desenvolvimento da propriedade privada, a cisão da antiga nação na comunidade cultural das classes dominantes, por um lado, e dos tributários da nação por outro, incluído estes em estreitos círculos locais, produtos em decomposição da antiga nação. Depois, a partir do desenvolvimento da produção social capitalista, a dilatação da comunidade cultural nacional: as classes trabalhadoras e exploradas seguem sendo ainda tributárias da nação, porém, a tendência à unidade nacional na base da educação nacional se torna paulatinamente mais forte que a tendência particularista da decomposição da antiga nação, que repousa sobre uma comunidade de ascendência, em grupos locais cada vez mais bruscamente separados. Finalmente, nem bem a sociedade despoja a produção social de seu invólucro capitalista, a ressurreição da nação como comunidade de educação, trabalho e cultura. O desenvolvimento da nação reflete a história do modo de produção e da propriedade. Assim como da constituição social do comunismo clânico surge a propriedade privada e a produção individual e deste, por sua vez, a produção cooperativa com base na propriedade social, a nação unitária se cinde em conacionais e tributários, dividindo-se em pequenos círculos locais que voltam a se aproximar a partir do desenvolvimento da produção social, para finalmente adentrar na nação socialista unitária do futuro. A nação da era da propriedade privada e da produção individual, dividida em conacionais e tributários da nação e cindida em numerosos grupos locais mais

---

verstehen und es lernen, auf dem Boden dieser sich innerhalb der Internationale entwickelnden nationalen Mannigfaltigkeit die national differenzierten Kampftruppen trotz der nationalen Besonderheit der Methoden ihrer Praxis und der Gedankengänge ihrer Theorie die Koordination ihrer Anstrengungen zu gemeinsamen Zielen, die Kooperation ihrer Kräfte im gemeinsamen Kampfe zu lehren. Nicht die nationalen Besonderheiten zu nivellieren, sondern die internationale Einheit in der nationalen Mannigfaltigkeit hervorzubringen, kann und muß die Aufgabe der Internationale sein" (BAUER, 1924, p. XXVIII).

estreitos, é o produto da decomposição da nação comunista do passado e o material da nação socialista do futuro (BAUER [1907], 1979, p. 143).<sup>4</sup>

Como podemos notar, a filosofia da história da nação de Bauer se dividia em quatro grandes partes fundamentais que se relacionavam num esforço de integração possível do tempo passado, presente e futuro. A primeira parte que implicava o passado era a nação como comunidade de ascendência, a era do comunismo clânico; a segunda parte, também no passado, era a transição para a propriedade privada; a terceira, no passado e no presente do próprio autor, o surgimento da produção social sob o capitalismo; por fim, o futuro, dialeticamente contido no passado e no presente, era a nação socialista, produto da decomposição da nação comunista do passado e o material da nação socialista do futuro. Tratava-se de uma articulação entre um conteúdo fortemente empírico e uma especulação acerca do futuro. Seria o passado refletido de modo mais empírico e o futuro de modo mais especulativo? Isso seria decorrente da própria relação entre passado e

---

<sup>4</sup> No original: "So enthüllt unser Suchen nach dem Wesen der Nation uns ein grandioses geschichtliches Bild. Am Anfang – im Zeitalter des Sippschaftskommunismus und des nomadisierenden Ackerbaues – die einheitliche Nation als Abstammungsgemeinschaft. Dann seit dem Übergang zum sesshaften Ackerbau und der Entwicklung des Sondereigentums die Spaltung der alten Nation in die Kulturgemeinschaft der herrschenden Klassen auf der einen, die Hintersassen der Nation auf der anderen Seite – diese eingeschlossen in enge örtliche Kreise, die Zersetzungsprodukte der alten Nation. Weiter, seit der Entwicklung der gesellschaftlichen Produktion in kapitalistischer Form die Verbreiterung der nationalen Kulturgemeinschaft – die arbeitenden und ausgebeuteten Klassen bleiben noch die Hintersassen der Nation, aber die Tendenz zur nationalen Einheit auf Grund der nationalen Erziehung wird allmählich stärker als die partikularistische Tendenz der Zersetzung der alten auf Abstammungsgemeinschaft beruhenden Nation in immer schroffer geschiedene örtliche Gruppen. Endlich, sobald die Gesellschaft die gesellschaftliche Produktion ihrer kapitalistischen Hülle entkleidet, das Wiedererstehen der einheitlichen Nation als Erziehungs-, Arbeits-, Kulturgemeinschaft. Die Entwicklung der Nation spiegelt die Geschichte der Produktionsweise und des Eigentums wieder. Wie aus der Gesellschaftsverfassung des Sippschaftskommunismus das Privateigentum an Produktionsmitteln und die individuelle Produktion, und aus dieser wieder die genossenschaftliche Produktion auf Grund des gesellschaftlichen Eigentums entsteht, so spaltet sich die einheitliche Nation in Nationsgenossen und Hintersassen und zerteilt sich in kleine örtliche Kreise, die sich seit der Entwicklung der gesellschaftlichen Produktion wieder einander nähern, um schließlich in der einheitlichen sozialistischen Nation der Zukunft aufzugehen. Die in Nationsgenossen und Hintersassen der Nation geschiedene, in zahlreiche engere örtliche Gruppen gespaltene Nation des Zeitalters des Privateigentums und der individuellen Produktion ist das Zersetzungsprodukt der kommunistischen Nation der Vergangenheit und das Material der sozialistischen Nation der Zukunft" (BAUER, 1924, p. 118-119).

futuro, na medida em que o futuro poderia ser somente pensado em uma perspectiva contrafactual ou como possibilidade de ser. Mas quando se trata de pensar o passado, especialmente quando conceitos como classe, nação, entre outros, aparecem de modo mais remoto, não haveria aí também uma filosofia da história no sentido de um sistema de pensamento que tentaria dar conta da totalidade do passado e pensá-lo em termos de organicidade com o tempo futuro? Neste caso, o passado teria uma dupla inscrição, tanto empírica e factual quanto especulativa por sua relação com a filosofia da história.

A seguir, vamos tratar de três partes de sua filosofia da história, pensando-a mais em seus componentes de consistência interna em termos conceituais. Daremos ênfase especialmente para os desdobramentos de sua filosofia da história da nação no contexto do capitalismo, levando em consideração a relação entre comunidade natural e comunidade cultural no período que seria a gênese da nação.

Ao empreitar-se na jornada de compreensão do fenômeno nacional, Otto Bauer debruçou-se, antes de qualquer coisa, sobre a pergunta do sentido da nação ela mesma. Intencionando distanciar-se de todas as teorias que até então utilizavam o conceito de nação como uma explicação às diversas manifestações sociais, Bauer iniciou sua investigação a partir do próprio significante, afinal “não é [o conceito de nação] uma explicação, mas algo por se explicar”. (BAUER, [1924], 1979, p. 30). *A questão da nacionalidade e a Social Democracia* evidencia o esforço do autor em compreender seu espaço de experiência e seu horizonte de expectativas (KOSELLECK, 2006) em um presente decisivo, a partir de sua concepção simultaneamente materialista e neokantiana da História. Essa articulação entre dois grandes sistemas de pensamento foi sinalizada pelo próprio autor, ao escrever o segundo prefácio de sua obra, em 1924 (BAUER, [1924], 1979, p.7):

O núcleo mesmo do livro está constituído por meu intento de conceptualizar as nacionalidades modernas, mediante a concepção marxista da história, como comunidades de caráter nascidas de comunidades de destino (...) Em minha época de estudante, a cujo término escrevi *A questão das nacionalidades*, estava fascinado pela filosofia crítica de Immanuel Kant. Sob a influência da teoria kantiana do conhecimento adquiri as concepções sobre o método sociológico que dão fundamento à apresentação de minha teoria da nação.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> No original: Den eigentlichen Kern des Buches aber bildet mein Versuch, die modernen Nationen mit den Mitteln marxistischer Geschichtsauffassung als aus

Essas duas grandes matrizes, às quais as teorias da evolução se somaram, contribuíram para o autor desenvolver uma filosofia da história cuja intenção era ordenar, por meio do discurso, aquelas que pareciam ser não só as aporias do Império Austro-Húngaro, como também dos próprios intelectuais marxistas do período. A propósito dessa relação com o pensamento marxista, o próprio autor escreveu que a resistência interna à articulação entre tal paradigma e a teoria da nação estava presente, de modo que se faria necessário justificar seu estudo (BAUER [1924], 1979, p. 7): “Minha definição de nação como comunidade de caráter nascida de uma comunidade de destino se chocou com fortes resistências no campo da escola marxiana”. E continuou o autor: “ante essa desconfiança acaso será necessário analisar neste lugar o que significa em minha teoria da nação o conceito de ‘comunidade de caráter nacional’ e qual é a função que deve desempenhar nela” (BAUER [1924], 1979, p. 7).<sup>6</sup>

O caráter decomponível trazido pelas reivindicações imperativas por autonomia nacional de comunidades que até então estavam sob o poder dos Habsburg demonstrava cada vez mais a fragilidade do Império enquanto tal, a necessidade de se apropriar da concepção materialista da história para compreender aquele contexto, em detrimento das interpretações liberais e de outras perspectivas presentes no jogo pelo poder e nas disputas pelo significado da nação. Bauer tinha ampla noção das dificuldades das tarefas da socialdemocracia afinal, como escreveu no prefácio da primeira edição de seu livro: “Quem queira indagar como o laço de pertencimento a uma comunidade nacional determina a vontade da classe operária em luta, deve também acolher os diferentes flancos de seu problema” (BAUER, [1924], 1979, p. 3).<sup>7</sup>

---

Schicksalsgemeinschaften erwachsene Charaktergemeinschaften zu begreifen. Und dieser Teil meines Buches scheint mir keineswegs veraltet zu sein. Ich stand in meiner Studentenzeit, an deren Ausgange ich meine *Nationalitätenfrage* geschrieben habe, im Banne der kritischen Philosophie Immanuel Kants. Unter dem Einflusse der Erkenntnistheorie Kants hatte ich die Auffassungen über die Methode der Soziologie gewonnen, die der Darstellung meiner Theorie der Nation zugrundeliegen (BAUER, 1924, p. XI).

<sup>6</sup> No original: Meine Definition der Nation als einer aus Schicksalsgemeinschaft erwachsenen Charaktergemeinschaft ist im Lager der Marxschen Schule auf starken Widerstand gestoßen (...) Diesem Mißtrauen gegenüber ist es wohl notwendig, an dieser Stelle auseinandersetzen, was in meiner Theorie der Nation der Begriff der nationalen Charaktergemeinschaft bedeutet und welche Funktion er in ihr zu versehen hat (BAUER, 1924, p. XII).

<sup>7</sup> No original: Wer erforschen will, wie das Band der Zugehörigkeit zu einer nationalen Gemeinschaft den Willen der kämpfenden Arbeiterklasse bestimmt, muß daher auch von verschiedenen Seiten aus sein Problem in Angriff nehmen (BAUER, 1924, p. VII).

O autor compreendeu que a utilização exclusiva do paradigma marxista como método de análise social seria insuficiente para apreender o fenômeno nacional, especialmente por se tratar da investigação histórica e política de um império literalmente multinacional. Mas o problema de Bauer, como ainda podemos verificar em seu prefácio de 1924, consistia não somente nas aporias teóricas que o marxismo implicava ao negligenciar a questão nacional, como também pragmático:

Quem compara entre si o marxismo alemão, o trabalhismo inglês e o bolchevismo russo, não poderá deixar de reconhecer de que em cada nação a peculiaridade nacional herdada confere à ideologia socialista internacional uma configuração nacional especial. Assim como a classe trabalhadora de cada país, quanto mais se aproxima do poder, deve adaptar cada vez mais em sua prática histórica seus métodos de luta às singularidades do terreno da luta nacional, também a ideologia socialista da classe trabalhadora, quanto mais cultura assimila, entra em uma vinculação cada vez mais estreita com a herança cultural especial da nação. Não podemos superar esta diferenciação nacional do socialismo submetendo os partidos trabalhadores de todas as nações à ditadura de um partido trabalhador nacional que dite a todos os demais seus métodos de luta sem consideração pela diversidade nacional do terreno em luta e imponha a todos os demais sua ideologia, sem consideração pela singularidade de sua tradição cultural, como um sistema canonizado de dogmas (BAUER, [1924], 1979, 20-21).<sup>8</sup>

Ainda que *A questão das nacionalidades* tivesse sido escrito antes da Revolução Russa, Bauer atualizou sua discussão sobre a diversidade das nações e sua importância para a teoria socialista,

---

<sup>8</sup> No original: Wer deutschen Marxismus, englischen Labourismus, russischen Bolschewismus miteinander vergleicht, wird sich der Erkenntnis nicht verschließen können, daß in jeder Nation ererbte nationale Eigenart der internationalen sozialistischen Ideologie eine besondere nationale Gestaltung gibt. Wie die Arbeiterklasse jedes Landes, je näher sie der Macht rückt, in ihrer geschichtlichen Praxis ihre Kampfmethoden immer mehr den Besonderheiten des nationalen Kampfterrains anpassen muß, so geht auch die sozialistische Ideologie der Arbeiterklasse, je mehr Kultur sie in sich aufnimmt, immer engere Verknüpfung mit dem besonderen Kulturerbe der Nation ein. Diese nationale Differenzierung des Sozialismus können wir nicht dadurch überwinden, daß wir die Arbeiterparteien aller Nationen der Diktatur einer nationalen Arbeiterpartei unterwerfen, die allen anderen ihre Kampfmethoden ohne Rücksicht auf die nationale Verschiedenheit des Kampfterrains diktiert und allen anderen ihre Ideologie ohne Rücksicht auf die Besonderheit ihrer Kulturtradition als ein kanonisiertes Dogmensystem aufzwingt (BAUER, 1924, p. XXVIII).

como também suas ideias acerca dos perigos de uma ditadura do proletariado, então definitivamente posta em prática por um Estado – que tinha, por sua vez, suas próprias peculiaridades nacionais. Sua crítica ao regime de partido único atingia tanto a situação contemporânea em termos políticos, quanto a teoria que a sustentava. Antes de utilizar-se do conceito de nação para compreender as peculiaridades do Império do qual fazia parte, Bauer optou por investigar a nação a partir de seu significado histórico. Não é à toa que o livro que utilizamos para a análise neste artigo reserva quatro das oito divisões para explicar ao leitor o que de fato seria a nação. Portanto, não seria correto começarmos a compreender a formação do pensamento de Bauer a respeito de sua filosofia da história sem antes nos aproximarmos do desenvolvimento da ideia sobre a nação – ou melhor, de sua *comunidade de caráter nacional*:

A questão da nação só pode ser desenvolvida a partir do conceito de “caráter nacional”. [...] Provisoriamente, chamaremos ao complexo de conotações físicas e espirituais que distinguem a uma nação de outra de seu “caráter nacional”; fora disso, todos os povos têm conotações comuns, que fazem que todos nos reconheçamos como seres humanos e, por outro lado, as diversas classes, profissões e indivíduos de cada nação têm qualidades individuais e conotações especiais que as distinguem umas das outras (BAUER, [1924], 1979, p. 24).<sup>9</sup>

A busca pela “essência da nação” (BAUER, [1907], 1979, p. 23) expôs as fragilidades de perspectivas que até então julgavam o fenômeno nacional como manifestação atemporal de indivíduos coletivos. A negação de um suposto passado congelado da nação garantiu a Bauer apreender o devir da comunidade de caráter nacional não como um problema metodológico, mas como base de uma interpretação deste fenômeno:

Agora se entenda o que significa minha definição de nação: esta só é um postulado metodológico que quer delinear à ciência sua tarefa de

---

<sup>9</sup> No original: Die Frage der Nation kann nur aufgerollt werden aus dem Begriff des Nationalcharakters (...) Den Komplex der körperlichen und geistigen Merkmale, der eine Nation von der anderen scheidet, nennen wir vorläufig ihren Nationalcharakter; darüber hinaus haben alle Völker gemeinsame Merkmale, die sie alle uns als Menschen erkennen lassen, und haben andererseits die einzelnen Klassen, Berufe, Individuen jeder Nation individuelle Eigenschaften, Sondermerkmale, die sie voneinander scheidet (BAUER, 1924, p. 2).

compreender o fenômeno da nação explicando a partir da singularidade de sua história tudo o que constitui a peculiaridade, a individualidade de cada nação, e o que a diferencia das demais nações, ou seja, mostrando a nacionalidade de cada indivíduo como o histórico com respeito a ele e o histórico nele. E a tarefa de compreender a peculiaridade de cada nação e os componentes nacionais de cada peculiaridade dos indivíduos mediante a concepção marxista da história, e deste modo dissolver a aparência enganosa da substancialidade da nação a que sucumbe toda a concepção nacionalista da história. (BAUER, [1907], 1979, p. 14).

A comunidade de caráter nacional, com relação à temporalidade, era vista como modificável, já que a variável temporal era um dos fundamentos da nação. A relação entre temporalidade e nação foi devidamente tratada por Levinger e Lytle (2001) em sua tríade da retórica nacionalista, em que cada dimensão temporal tem papel fundamental no discurso nacional e que tem como objetivo mobilizar o povo para um devido fim comum. Em suma, a invocação do passado tem um caráter de rememorar um fato considerado originário como glória da origem e trazê-lo ao presente de forma a compará-lo com a situação que se mostra em sua contemporaneidade, supostamente em um contraste entre um passado glorioso e um presente decadente. Para Bauer, porém, invocar o passado como algo que pudesse ser considerado a origem da nação não seria possível nesses termos, tendo em vista o caráter modificável da comunidade de caráter nacional e o pouco apreço de Bauer às teorias da nação que a transformavam em uma essência fechada sobre si mesma.

Além do mais, a partir do momento em que Bauer compreendeu o caráter modificável da nação, outra peculiaridade de sua teoria girava em torno da emancipação da vontade individual frente à determinação de um suposto padrão de comportamento dado pela manifestação nacional. A formação do intelecto do indivíduo a que Bauer se referia estava ligada às teorias, ainda que de forma inicial, desenvolvidas com o advento da Psicanálise, em que as manifestações psíquicas individuais diferiam da ideia generalizante do espírito. O Volkgeist (espírito do povo) suprimia estas manifestações do pensar, do agir, do sentir e do querer individual. Bauer entendia as ações individuais a partir de uma ruptura com a ideia do Geist (espírito) na qual se manifestava uma espécie de força que conduz as ações:

O espírito do povo é um dos modos de manifestar-se do divino; o indivíduo, um dos modos de manifestar-se do espírito do povo. Fichte chegou a esta metafísica da nação, embora antes chegou muito perto do conceito empírico correto de nação. Resulta característico do idealismo dogmático pós-kantiano que até lá onde este consegue compreender corretamente um fenômeno desde o ponto de vista empírico-histórico, não se dá por satisfeito com ele, a não ser que queira converter o fenômeno empírico científica e corretamente determinado em uma forma de manifestação de uma essencialidade metafísica diferente dele (BAUER, [1907], 1979, p. 23).<sup>10</sup>

Fundamentado na filosofia kantiana e fichtiana, Bauer se posicionava contrariamente à ideia de que houvesse uma substância “anímica” na compreensão da psique humana sendo, pois, nada mais que um “espectro romântico”, uma maneira insuficiente de apreender a nação, na medida em que a alma ou o “espírito de um povo” não mais era do que um “velho amor dos românticos (BAUER, [1907], 1979, p. 27). O sentir, o querer e o imaginar eram manifestações que se originavam a partir das experiências empíricas do indivíduo, e não como resultado de um simples espectro que ditava as ações coletivas de forma uniforme. A partir disso, Bauer compreendia que o “espiritualismo nacional também descansa em uma falta de lógica” (BAUER, [1907], 1979, p. 28). O autor considerava um verdadeiro abuso determinar o modo de agir dos indivíduos pelo próprio caráter nacional de que provinham:

Frequentemente, também se tem omitido injustamente que junto à comunidade de caráter nacional se dá toda uma série de outras comunidades de caráter, as mais importantes das quais são de classe e profissão. A respeito de outras conotações, o operário alemão coincide com cada um dos demais alemães; isto vincula os alemães a uma comunidade de caráter nacional. Mas o operário alemão tem conotações comuns com seus companheiros de classe

---

<sup>10</sup> No original: Der Volksgeist ist eine der Erscheinungsweisen des Göttlichen, das Individuum eine der Erscheinungsweisen des Volksgeistes. Zu dieser Metaphysik Jeder Nation gelangte Fichte, obwohl er früher dem richtigen empirischen Begriffe der Nation sehr nahe gekommen ist. Es ist für den nachkantischen dogmatischen Idealismus charakteristisch, dass er selbst dort, wo er eine Erscheinung empirisch-historisch richtig zu begreifen vermag, sich damit nicht begnügt, sondern die wissenschaftlich richtig bestimmte empirische Erscheinung zur Erscheinungsform einer von ihr unterschiedenen metaphysischen Wesenheit machen will (BAUER, 1924, p. 7)

de todas as demais nações; isto o faz um membro da comunidade de caráter internacional da classe. (BAUER, [1924], 1979, p. 25).<sup>11</sup>

Bauer compreendia que a única maneira de se apreender o significado do caráter nacional como um todo, partindo do princípio de que este se assentava em um constante devir, implicava certa universalidade do espírito, junto com condições sociais de produção que teriam alavancado a nação moderna a partir do capitalismo. Dadas as manifestações individuais organizadas a partir do manifesto destino da nação, Bauer interpretava o fenômeno fundamentando-se na concepção materialista da história com Kant e Hegel na sombra de seu discurso, opondo-se às interpretações do materialismo nacional – encabeçadas por intelectuais como Arthur de Gobineau (1816-1882) e sua discussão sobre raça. Contra o “espiritualismo nacional”, a concepção materialista da história seria a única capaz de compreender a nação como um processo jamais terminado e cujo cerne se orientava a partir de um devir:

O que vincula indivíduos nacionais de uma mesma época é a comunidade de caráter; o que vincula indivíduos nacionais de diferentes épocas não é a homogeneidade do caráter, mas o fato de que sucedem uns de outros, que atuam uns sobre os outros, e que os destinos dos anteriores determinam o caráter dos posteriores, de nenhuma maneira que as gerações anteriores concordem em caráter com as posteriores. (BAUER, [1907], 1979, p. 131).<sup>12</sup>

Bauer não baseou sua filosofia da história da nação em uma única comunidade. Três conceitos fortes estiveram presentes em sua formulação da teoria da nação: comunidade de caráter natural, comunidade de caráter cultural e comunidade de destino. Quer

---

<sup>11</sup> No original: Mit Unrecht hat man oft auch übersehen, dass es neben der nationalen Charaktergemeinschaft eine ganze Reihe anderer Charaktergemeinschaften gibt, von denen die der Klasse und des Berufes die weitaus wichtigsten sind. Der deutsche Arbeiter stimmt in gewissen Merkmalen mit jedem anderen Deutschen überein; das verknüpft die Deutschen zu einer nationalen Charaktergemeinschaft. Aber der deutsche Arbeiter hat mit seinen Klassengenossen aller anderen Nationen gemeinsame Merkmale: das macht ihn zum Gliede der internationalen Charaktergemeinschaft der Klasse (BAUER, 1924, p. 3-4).

<sup>12</sup> No original: Was die Nationsgenossen desselben Zeitalters verknüpft, ist die Gemeinschaft des Charakters; was die Nationsgenossen verschiedener Zeitalter verknüpft, ist nicht Gleichartigkeit des Charakters, sondern die Tatsache, dass sie aufeinander folgen, aufeinander wirken, dass die Schicksale der früheren den Charakter der späteren *bestimmen*, nicht etwa dass die früheren mit den folgenden Geschlechtern im Charakter *übereinstimmen* (BAUER, 1907, p. 107).

dizer, o sentido do que seria uma comunidade como definidor da nação dependia de uma série de outras relações por meio das quais a nação era posta em movimento. A nação existia como comunidade natural, a qual se fazia como uma condição necessária, mas não suficiente, de explicação de sua gênese. O “substrato natural” da nação era baseado em uma ancestralidade que não poderia ser reduzida à teoria do plasma germinal, que teria sido usada como o padrão de definição da nação em termos raciológicos (BAUER, [1907], 1979, p. 33-34). Para o autor, tal concepção deveria ser pensada no contexto do acontecer: “se determinada matéria é o substrato material da comunidade de caráter nacional, sigamos perguntando então pelas causas que, por sua vez, determinam a qualidade dessa matéria que vincula as consecutivas gerações” (BAUER, [1907], 1979, p. 35). A “moderna ciência natural” ou, para sermos mais precisos, a teoria da evolução, de Darwin, especialmente a teoria da seleção natural, se coadunou bem como o materialismo histórico preconizado pelo autor. A citação expressa a ideia de comunidade natural como um dos alicerces de explicação científica, nos termos de Bauer (BAUER, [1907], 1979, p.38), da nação:

A aptidão herdada por um povo é a precipitação de sua história em séculos passados, o resultado das condições em que buscou o seu sustento vital. A transmissão hereditária das qualidades de caráter dos pais aos filhos *é somente um meio pelo qual as condições de vida, as condições em que um povo busca, procura e conquista seu sustento vital, também seguem tendo efeito nas gerações posteriores* (BAUER, [1907], 1979, p. 38, Grifos do autor).<sup>13</sup>

Bauer pretendia explicar o mecanismo de surgimento e funcionamento natural da nação invertendo a lógica da causalidade usada por autores ligados ao materialismo nacional, para os quais os arranjos naturais determinavam a cultura. Bauer, ainda que falasse de uma comunidade natural, tentava historicizá-la nos termos da teoria da evolução. Daí sua afirmação de que “a teoria da transmissão hereditária de tais qualidades não está em contradição

---

<sup>13</sup> No original: Die ererbte Wehrhaftigkeit eines Volkes ist also der *Niederschlag seiner Geschichte* in vergangenen Jahrhunderten, das Ergebnis der Bedingungen, unter denen es seinen Lebensunterhalt suchte. Die Vererbung der Charaktereigenschaften der Eltern auf die Kinder ist nur *ein Mittel, durch das die Lebensbedingungen, die Bedingungen, unter den ein Volk seinen Lebensunterhalt sucht, erarbeitet, er kämpft, auch noch für spätere Generationen wirksam werden* (BAUER, 1907, p. 16).

com a assim chamada *concepção materialista da história de Karl Marx*” (BAUER, [1907], 1979, p.38, grifos do autor).

Na sequência da citação, tal relação fica mais clara. As condições em que um povo produz seu sustento vital regulam sua seleção: “Os melhores adaptados a estas condições sobrevivem e propagam sua espécie e, por isso, transmitem hereditariamente suas qualidades às gerações posteriores”; “os menos adaptados”, por sua vez, são “paulatinamente eliminados ao perdurar as mesmas condições de produção; por isso, nas conotações caracteriológicas *que herdamos das gerações posteriores se refletem as condições de produção das gerações anteriores*” (BAUER, [1907], 1979, p.38, grifos do autor)<sup>14</sup>. A fim de destacar sua diferença do determinismo biológico em voga no materialismo científico do século XIX, Bauer afirmou que “as condições de produção não são uma matéria de índole determinada, senão o compêndio de manifestações *sociais heterogêneas*” (BAUER, [1907], 1979, p.38). A história descrevia essas condições de manifestação da comunidade natural, a qual seria, na sua filosofia da história, “somente um meio, pelo qual os destinos variados dos antepassados determinam o caráter de todos seus descendentes, coligando desse modo a esses descendentes em uma comunidade de caráter, em uma nação”<sup>15</sup> (BAUER, [1907], 1979, p.38).

Vejamos o que seria a gênese da nação, tal como colocada pelo autor em seu “grandioso quadro histórico”, em que no começo a nação unitária era concebida como “comunidade de ascendência” e como teria se constituído essa comunidade de destino como comunidade natural e cultural na “era do comunismo clânico”. Seu modelo era a constituição da “nação germânica”. Em termos cronológicos, Bauer situou tal fase da história da nação entre o fim da Antiguidade e a Alta Idade Média. À pergunta sobre onde se encontraria a nação, Bauer respondeu que ela não havia se formado como um “estado nacional, pois nenhum poder político comum

---

<sup>14</sup>Nooriginal: Die diesen Bedingungen Bestangepassten überleben und pflanzenihre Art fort, vererben daher ihre Eigenschaften auf die späteren Geschlechter, die Minderangepassten werden bei längerer Dauer gleicher Produktionsbedingungen allmählich ausgeschieden; *in denerbten Charaktermerkmalen späterer Generationen spiegeln sich daher die Produktionsbedingungen früherer Geschlechter wieder.* (BAUER, 1907, p. 16).

<sup>15</sup> No original: Uns aber ist die natürliche Vererbung nur ein *Mittel*, durch das die wechselnden Geschicke der Ahnen den Charakter aller ihrer Nachkommen bestimmen und diese Nachkommen dadurch zu einer Charaktergemeinschaft, zu einer Nation, zusammenschließen (BAUER, 1907, p. 16-17).

unificava as populações” (BAUER, [1907], 1979, p. 46). Era apenas “a ascendência comum que, diante de tudo, converte em uma nação os germanos daquele tempo” (BAUER, [1907], 1979, p. 46). Uma série de comunidades clânicas, cujas relações de parentesco eram sua unidade básica, formava a população e “todas as populações constituíam a nação”: “a nação aparecia pouco mais ou menos como a comunidade clânica das populações, a associação de todas as populações de ascendência comum de um protopovo germânico” (BAUER, [1907], 1979, p. 46). O caráter nacional desse período remoto teria sido gerado pelo destino comum daqueles que foram os antepassados de todos eles, “o destino comum do povo-tronco gerou um caráter comum e este caráter foi transmitido hereditariamente a todas as comunidades agnáticas e populações germânicas” (BAUER, [1907], 1979, p.47). Junto a essa comunidade de caráter nacional, somava-se a comunidade cultural, pois a cultura dessas populações, para Bauer, “estava viva na cultura do povo-tronco”, cujas relações sociais, representações religiosas, línguas, costumes e direito eram decorrentes de uma “cultura transmitida pela mesma tribo”, o que teria gerado “em todos eles aquela comunidade de caráter que os converteu em nação (BAUER, [1907], 1979, p. 48). Apesar do caráter homogeneizante dessas duas comunidades, Bauer apreendeu na história seu processo de diferenciação: “que infinitamente variadas resultaram no curso dos séculos as influências que determinaram a cultura dos povos!” (BAUER, [1907], 1979, p.50). Novamente, era o devir que dava o toque da diferenciação, o poder desagregador do tempo como tecido de relações: “cada vez mais e mais os séculos deviam operar e brindar, peça por peça a cada povo, quase inadvertidamente e por via de um desenvolvimento incessante, novos elementos culturais que já não eram homogêneos, senão diferenciados, distintos” (BAUER, [1907], 1979, p. 50).

A fase subsequente à qual Bauer afirmava ter constituído a nação implicou o surgimento de uma nova comunidade cultural, “sobre a base do senhorio rural”, o que corresponderia à história da nação na Idade Média e que teria acentuado a diferenciação entre as classes camponesas e senhoriais: “o modo de vida divide o povo em duas partes: por um lado, os camponeses, há tempos sedentários em sua gleba”; por outro, “os senhores feudais e sua armada que *vivem cavaleirescamente* e cuja única determinação social é a defesa do país contra o inimigo” (BAUER, [1907], 1979, p.54).

A pergunta norteadora de Bauer, que lançava seu fio de sentido para o passado se repetia: onde estava a nação na era do

senhorio rural? Uma ascendência comum que efetivamente pudesse dar coesão à nação seria insuficiente em termos explicativos diante da crescente separação territorial das tribos e a “absorção de elementos estranhos” a elas, entre as quais Bauer apresentava a Igreja como um agente histórico e que teria unificado povos diferentes, tais como alemães e eslavos. Havia um elemento de uniformidade cultural, não obstante sua diferenciação. Não era a ascendência comum o fator unificador da nação, mas sim uma “comunidade cultural de todos os que viviam cavaleirescamente o que ligou as classes dominantes de todos os alemães; a primeira que unificou em nação aos alemães” (BAUER, [1907], 1979, p.59).

Na filosofia da história de Bauer, essa condição simultânea de unificação e de diferenciação cumpria um papel importante, ao definir uma divisão de classes no seio da cultura nacional e, por meio dessa divisão, o que seria uma forma de alienação cultural, ou alienação da cultura nacional. Significa dizer: o caráter nacional que gerou a homogeneidade dessa influência cultural era o caráter de uma classe nacional. Nesse sentido, parafraseando Marx e estabelecendo uma espécie de teoria da alienação para a nação, Bauer afirmou: “a cultura nacional é a cultura das classes dominantes” (BAUER, [1907], 1979, p.67). “As massas”, continuou Bauer, “eram tributárias da nação, em cuja exploração descansa o soberbo edifício da cultura nacional, do qual seguem sendo excluídas” (BAUER, [1907], 1979, p. 67). Mas seria com o capitalismo, enquanto modo de produção, que o processo de surgimento efetivo do estado-nação, com o hífen, seria levado a cabo.

Apresentamos, até o momento, detalhes do quadro desenvolvido por Bauer para dar o formato histórico de sua teoria da nação – e que temos definido aqui como sua filosofia da história. Essas duas fases da história estavam no passado, ainda que não completamente ausentes do presente de Bauer – afinal, sua dialética não permitia que as coisas se apresentassem efetivamente como absolutamente novas. Mas a força da comunidade de destino no seio do capitalismo estava fundamentalmente atrelada ao presente. Há uma questão central a ser pensada no modo como Bauer acionou a explicação sobre o capitalismo em sua filosofia da história, na medida em que o capitalismo se tornou um novo modelo potencial de universalização das relações sociais.

Para Bauer, o capitalismo havia lançado o fundamento da universalização da comunidade cultural nacional, embora ele ainda mantivesse todo o processo de alienação do trabalho e da cultura: “O trabalho de uns se converte na cultura dos outros” (BAUER, [1907], 1979, p. 104). O processo de alienação se estabelecia a

partir de uma contradição entre a exploração da força de trabalho, que era a exploração da força espiritual também. Havia, para o autor, um alcance maior dos bens culturais, uma ampliação da comunidade cultural nacional pelo capitalismo. Mas ainda havia uma contradição entre as forças produtivas e as relações espirituais de produção, uma ligeira mudança em relação à descrição de Marx em *Para a crítica da economia política*. A exploração da força de trabalho travava, segundo o autor austríaco, o “devir da nação como comunidade cultural”, impedito “a integração do trabalhador à comunidade cultural nacional (BAUER, [1907], 1979, p. 104). Bauer teceu elogios ao desenvolvimento do capitalismo, algo não muito diferente do que Marx e Engels fizeram em seu *Manifesto do Partido Comunista*, ao mencionar que o capitalismo havia liberado a Europa dos grilhões da tradição.

Para Bauer, somente o “*capitalismo moderno tornou a gerar uma cultura verdadeiramente nacional do povo inteiro, que saltou sobre os estreitos limites da demarcação aldeã*”, a dissolução das relações firmes e solidas (BAUER, [1907], 1979, p.103, grifos do autor). Até então, “então” que abarcaria a cultura nacional no comunismo clânico e na era dos senhores rurais, a cultura superior somente teria unido as classes dominantes e possuidoras. Ao retirar as populações de sua fixação local e mudar radicalmente suas profissões e seus lugares – criando novas classes e criando, especialmente por meio das escolas elementares, do sufrágio universal, do livre direito de associação, da imprensa livre, do serviço militar obrigatório, dos partidos capazes de representarem os indivíduos – “o capitalismo levou a cabo sua obra por meio da democracia” (BAUER, [1907], 1979, p.103). “Acaso o capitalismo moderno não pode jactar-se de sua obra?”, Perguntou o autor. “Acaso ele, tão difamado, não levou a cabo algo enorme ao recriar a nação como comunidade cultural de todos, e não somente das classes possuidoras? Seguramente que sim” (BAUER, [1907], 1979, p.103).

Como uma reserva para o futuro socialista e para o papel revolucionário da agência histórica proletária, Bauer apresentou alguns limites do capitalismo, ainda que sua revolução tivesse sido, do ponto de vista do tempo, uma aceleração sem precedentes da história, que teria favorecido a universalização da comunidade cultural. O capitalismo, porém, “não poderia exaltar com demasiada sonoridade a sua obra”:

Que crescessem nossas forças produtivas e, por obra delas, nossa riqueza se tornara condição do devir da nação moderna, porém que até agora essas forças produtivas tenham podido implantar-se só por obra do capitalismo e só pelo serviço do capital limita a participação das massas na cultura da nação, põe limites ao desenvolvimento da comunidade cultural nacional (BAUER, [1907], 1979, p.103).<sup>16</sup>

O devir da comunidade cultural implicava um rearranjo não somente das forças produtivas materiais, como também das forças produtivas e das relações de produção espirituais. A comunidade cultural da nação, ou seja, o reconhecimento e o efetivo pertencimento de toda a comunidade cultural nacional tinha sido alavancado pelo capitalismo que, diferentemente de outros modos de produção – para continuarmos com a terminologia marxiana – tinham um potencial de alargamento de tempo e de espaço:

O desenvolvimento das forças produtivas significa uma potente intensificação do rendimento do trabalho do povo. Porém, a crescente riqueza que provém de nosso trabalho só em uma parte exígua se converte em possessão das massas que a geram. A propriedade dos meios de produção se converteu em instrumento para atrair a si uma poderosa parte da riqueza em permanente ascensão. Só durante uma parte da jornada laboral o trabalhador gera os bens de que se apropria; no resto da jornada cria aquela riqueza que se converte em possessão do proprietário dos meios de trabalho. Porém, os bens materiais sempre se transformam em cultura espiritual. Assim, é a *lei de nossa era que o trabalho de uns se converte na cultura dos outros*. O fato da exploração, da mais-valia, que se manifestam no tempo prolongado do trabalho, no baixo salário, na má-alimentação, na habitação superlotada do trabalhador, fixa uma barreira a toda a educação das amplas massas do povo trabalhador que aponte para sua participação na cultura espiritual da nação. *Portanto, o fato da exploração também trava o devir da nação como comunidade cultural e impede a integração do trabalhador à comunidade cultural nacional* (BAUER, [1907], 1979, p. 104, grifos do autor).<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup>No original: Dass unsere Produktivkräfte und durch sie unser Reichtum gewachsen sind, ward die Bedingung des Werdens der modernen Nation; aber dass diese Produktivkräfte bisher nur durch den Kapitalismus, nur im Dienste des Kapitals sich entfalten konnten, das begrenzt den Anteil der Massen an der Kultur der Nation, das setzt der Entwicklung der nationalen Kulturgemeinschaft ihre Grenze. (BAUER, 1907, p. 79).

<sup>17</sup>No original: Die Entfaltung der Produktivkräfte bedeutet eine gewaltige Steigerung der Ergiebigkeit der Arbeit des Volkes. Aber der wachsende Reichtum, der unserer Arbeit entstammt, wird nur zum geringen Teil zum Besitztum der Massen, die ihn

O desenvolvimento das forças produtivas permitiria ao povo a participação nos bens culturais que fizeram da nação uma comunidade cultural. Significa dizer que os bens culturais já existiam e que a mudança nas relações sociais de produção social seria apenas mais uma alavanca para a superação da alienação não só do que seria o ser social, como também do ser espiritual que garantiria a plena realização da comunidade cultural no socialismo e a diversidade nacional. O ser social que emergia da estrutura econômica determinava os modos de consciência e condicionava a vida social, política e espiritual. Não obstante, ao mesmo tempo, o caminho que a nação como comunidade cultural havia constituído na história restringia a excessiva determinação econômica do capitalismo. Se o trabalho de uns se convertia na cultura de outros, haveria uma alienação que não se restringiria somente ao ser social baseado nas relações econômicas de produção, embora Bauer reconhecesse a importância de sua transformação no desenvolvimento da federação socialista de nações do futuro. Quer dizer, a exploração da força de trabalho também era a exploração dos bens espirituais do povo. A universalidade da comunidade nacional como destino estava posta, mesmo que ainda as transformações do capitalismo não tivessem sido suficientes para que elas tivessem um alcance universal. Se a burguesia era dominante no monopólio dos meios de produção, a ela não pertenciam completamente as benesses da comunidade cultural nacional como bem que deveria ser radicalizado na democracia. Tratava-se de uma democracia do por vir, para a qual Bauer canalizou seu horizonte de expectativas. Mas neste caso, já se trata de outros futuros pensados no passado e que ficam como indutores de novas reflexões sobre filosofia da história e temporalidade no pensamento de Otto Bauer.

---

erzeugen. Das Eigentum an Arbeitsmitteln ist zum Werkzeug geworden, einen gewaltigen Teil des stetigsteigenden Reichtums an sich zu ziehen. Nur einen Teil des Arbeitstages erzeugt der Arbeiter die Güter, die sein Eigen werden; den Rest des Arbeitstages schafft er jenen Reichtum, der zum Besitz der Eigner der Arbeitsmittel wird. Materielle Güter aber wandeln sich immer in geistige Kultur. So ist es *das Gesetz unseres Zeitalters, dass die Arbeit der einen zur Kultur der anderen wird*. Die Tatsache der Ausbeutung, der Mehrarbeit, die in der langen Arbeitszeit, dem niedrigen Arbeitslohn, der schlechten Nahrung und überfüllten Wohnung des Arbeiters in Erscheinung tritt, setzt aller Erziehung der breiten Massen des arbeitenden Volkes zur Teilnahme an der geistigen Kultur der Nation eine Schranke. *Die Tatsache der Ausbeutung hemmt daher auch das Werden der Nation als Kulturgemeinschaft* (BAUER, 1907, 79-80).

## Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Lisboa: Ed. 70, 2005.
- ARMANI, Carlos Henrique. Reflexões sobre o contexto na história intelectual: entre a virada linguística e o novo materialismo filosófico. *Tempos Históricos*, v. 19, p. 80-102, 2015.
- BAUER, Otto. *Die Nationalitätenfrage und die Sozialdemokratie*. Wien: Verlag der WienerVolksbuchhandlung Ignaz Brand, 1907.
- BAUER, Otto. *Die Nationalitätenfrage und die Sozialdemokratie*. Wien: Verlag der WienerVolksbuchhandlung Ignaz Brand, 1924.
- BAUER, Otto. *La cuestión de las nacionalidades y la social democracia*. Madrid/Buenos Aires/Bogotá/Ciudad de México: Siglo Veintiuno, 1979.
- BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno*. Lisboa: Ed. 70, 1990.
- HOBSBAWM, Eric. História do Marxismo (Terceira Parte). Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1984.
- \_\_\_\_\_. História do Marxismo (Segunda Parte). Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1984.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1999.
- LACAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*. Ithaca: Cornell University Press, 1983.
- LEVINGER, Matthew, LYTLE, Paula Franklin. Myth and mobilisation: the triadic structure of nationalist rhetoric. *Nations and Nationalism*, n.7, v.2, p.175-194, 2001.
- LÓPEZ, Damián. La Cuestión Nacional Según Otto Bauer. Notas Críticas en Torno de un Clásico. Buenos Aires: Estudios Sociales, 2011.
- PALTI, Elias. *La nación como problema: los historiadores y la "cuestión nacional"*. Buenos Aires: FCE, 2006.
- MARTINS, E. C. R. Império austro-húngaro: finis Austriae ou o Ocaso da Monarquia do Danúbio. In: Francisco Carlos Teixeira da Silva; Ricardo Pereira Cabral; Sidnei J.
- Munhoz. (Org.). Impérios na História. Rio de Janeiro: Elsevier (Campus), 2009, p.205-214.
- MEUCCI, Isabella Duarte Pinto. O Austromarxismo e a Questão Nacional: Contribuições de Otto Bauer e Karl Renner. Revista Eletrônica de Ciência Política, vol. 5, n. 1, 2014.

ÖZKIRIMLI, Umut. *Theories of nationalism: a critical introduction*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

SCHORSKE, Carl. *Viena Fin-de- Siècle. Política e Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Recebido em 09/01/2021

Aprovado em 22/02/2021